



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS	29 DEZ 1979		
COMÉRCIO DO PORTO			

VI Governo talvez «nasça» às 18 horas de hoje (em Belém)

PC ANUNCIA MOÇÃO DE REJEIÇÃO AO PROGRAMA A APRESENTAR NA AR PS: «OPOSIÇÃO SEM OBSTRUÇÃO»

Francisco Sá Carneiro vai esta tarde a Belém — às 18 horas. O chefe do VI Governo Constitucional deverá ser nomeado, como o JN previra na última edição, ainda hoje, após a audiência com o presidente da República. Tudo indica também que o líder do próximo Executivo leve consigo a composição do seu Gabinete, praticamente já do domínio público.

Restará aguardar que, após «Diário da República», o general Ramalho Eanes dê posse ao Governo — o que pode ocorrer na próxima semana —, o qual depois terá de apresentar o seu Programa à Assembleia da República, no prazo máximo de dez dias após aquela data. O debate parlamentar não excederá cinco dias, mas, registar-se, os ministros entram imediatamente em funções.

Da resto, começa a ser difícil compreender que se atrase, quer a nomeação do primeiro-ministro, quer a investidura do Executivo. Na próxima quarta-feira, completar-se-á precisamente um mês sobre a data das eleições que deram a vitória à coligação de centro-direita; já foram publicados os resultados oficiais no «Diário da República»; já foi ouvido o Conselho da Revolução; já foi exonerado o primeiro-ministro do V Governo; e, por último, cumprindo um preceito constitucional, os partidos com representação parlamentar foram ouvidos pelo presidente da República.

Curiosamente, a ida a Belém de Sá Carneiro surge um dia após a revelação feita por José Manuel Medeiros Ferreira da existência de tensões no seio da Aliança Democrática — a primeira nuvem que apareceu no céu aberto da AD e cujas consequências não se descortinam, mas que até mesmo poderão vir a ser ultrapassadas a breve prazo.

Reformadores não reivindicam posições no Governo

Por Belém desfilaram ontem diversas forças políticas, após a presença antecedente de representações da UDP e do MDP. Logo pela manhã, Medeiros Ferreira disse aos jornalistas, à saída de uma reunião com o presidente da República no âmbito das consultas preliminares à constituição do Governo, que «há tensões no seio da Aliança Democrática, mas que elas não afectam directamente o seu grupo, que se encontra ape-

ro-ministro, tendo sido já fornecida uma lista de personalidades sobre as quais poderia incidir a escolha.

«Não vamos agravar o custo de vida» — diz o CDS

Curiosamente, foi Rui Pena o porta-voz da delegação do CDS, que integrava o líder, prof. Diogo Freitas do Amaral, e ainda o dr. Rui Oliveira. Aquele dirigente centrista afirmou que «não há tensões na AD e que isso é pura especulação». E logo a seguir, depois de afirmar que o CDS defendeu a nomeação de Sá Carneiro para a chefia do Governo, Rui Pena prometeu que o próximo Governo «vai responder às necessidades reais dos portugueses».

«Não vamos agravar o custo de vida, vamos criar um clima de paz e tranquilidade. Vamos dar ao Estado a imagem de pessoa de bem que o Estado deve ter.»

Rui Pena afirmou ter a AD o seu governo já constituído e disse que a presença do CDS nele é proporcional à sua participação na coligação. Sobre os Reformadores, afirmou terem «intervindo na elaboração do programa da AD, enriquecido a sua ideologia e participado na sua própria imagem». Sobre a Oposição, Rui Pena disse que o próximo Governo irá com ela «dialogar mas não conciliar» e lembrou ter sido o seu partido quem sugeriu e mais se terá batido pela instituição de um Estatuto de Oposição, garantindo a esta o acesso aos meios de Comunicação Social e o direito a ser consultada sobre medidas governativas de especial importância. Disse Rui Pena que o Estatuto irá agora ser posto em vigor.

Monárquicos não se sentem marginalizados

Mais tarde, o dirigente monárquico arq. Ribeiro Teles afirmou à imprensa desconhecer a existência de tensões no seio da AD, «porque não tem havido reuniões no âmbito da sua Comissão Coordenadora». E acrescentou que o seu partido defende o desenvolvimento de acções prioritárias de apoio à agricultura do Norte, que não suscita problemas de fertilidade existentes no sul. Acompanhado por Vaz Serra de Moura e António Ferreira Pereira, o líder monárquico assegurou aos jornalistas que o seu partido «não está a ser marginalizado». Quanto a participação de monárquicos no Governo, Ribeiro Teles disse que se aguardam convites do primei-

Comunistas vão rejeitar programa

Mais tarde, esteve em Belém o secretário-geral do PC, acompanhado por Carlos Brito e Carlos Costa. Falando aos jornalistas, Alvaro Cunhal foi claro: o PCP está contra o Governo da AD e das suas palavras poderá inferir-se que rejeitará — apresentando uma moção de rejeição — o Programa de Governo. Cunhal disse que o PC irá tomar uma «posição firme» e sublinhou que manifestou ao general Eanes as suas «preocupações» perante o Governo da Aliança Democrática, que, a seu ver, estará ao «serviço dos grandes capitalistas, agrários e do imperialismo internacional».

Alvaro Cunhal disse ter ainda chamado a atenção do presidente Eanes para «a falta de legitimidade que assistirá ao Governo da AD, por força da maioria instável de que dispõe no Parlamento e das limitações da sua base social de apoio (traduzida num número de votos inferior aos da Oposição) para introduzir «alterações de fundo» na vida portuguesa».

Segundo o dirigente comunista, as alterações constitucionais projectadas pela AD e o sentido da sua acção governativa apontarão para a des-

trução do regime democrático. «A política do Governo da Aliança Democrática, virada contra o povo e os trabalhadores — disse Alvaro Cunhal —, deparará com a firme oposição do nosso partido».

Socialistas mas não obstrução

Por parte do PS estiveram em Belém Mário Soares, Jorge Sampaio e Jaime Gama.

Ao ser-lhe perguntado se para o PS era dado como certa a nomeação de Sá Carneiro para primeiro-ministro, o líder socialista disse que «nem tinha que nos pronunciarmos sobre esta matéria. Quem tem de escolher o candidato para esse cargo deve ser a coligação vitoriosa nas eleições, enquanto o nosso Grupo Parlamentar vai reunir-se para saber se deve apresentar ou não um candidato».

«isto parece-nos claro, como parece claro ser o dr. Sá Carneiro o líder do partido principal dentro da coligação» — frisaria Soares.

Interrogado sobre qual iria ser a posição do PS perante o próximo Executivo, Mário Soares sublinhou que conhecendo o PS o programa da AD será «um partido da Oposição clara e firme. Não iremos, naturalmente fazer obstrução, mas iremos ser oposição» — acrescentou.

Quanto à possível indigitação de Medeiros Ferreira para a presidência da Assembleia da República o líder do PS sublinhou que «nem tinha que nos pronunciarmos sobre esta matéria. Quem tem de escolher o candidato para esse cargo deve ser a coligação vitoriosa nas eleições, enquanto o nosso Grupo Parlamentar vai reunir-se para saber se deve apresentar ou não um candidato».

Reportando-se ainda ao encontro com Eanes adiantaria que no decorrer do mesmo não se tinha falado propriamente no nome do primeiro-ministro. Disse, contudo, ter deduzido de toda a conversa que o líder da Aliança Democrática, reconhecido como tal, deverá ser o futuro chefe de governo.

Soares elogia Pintasilgo

Ao ser-lhe pedido um comentário sobre recentes afirmações de Lurdes Pintasilgo acerca dos jornalistas Soares afirmaria que o PS não tem que ser perguntado sobre o que se passa com as pessoas.

«Considerava, todavia, que a imprensa portuguesa tem de ter determinadas regras deontológicas seguras, e que uma grande parte dessa imprensa (e isto não tem nada a ver com os jornalistas) não segue certas regras deontológicas.»

Em sua opinião, se parte com muita frequência «daquilo que são suposições para afirmações peremptórias, segundo observou. Um jornal faz uma manchete, algumas vezes, meramente especulativa e a partir daí fazem-se perguntas como se ela fosse um facto político».

Neste contexto, Mário Soares adiantaria:

«Penso que a classe dos jornalistas está a aprender a democracia, embora com algumas dificuldades, visto que os jornais têm sido objecto de uma certa cobiça, quer de algum poder político quer, sobretudo, de algum poder económico.»

Fazendo uma breve análise da actividade do Governo cessante, o líder do PS destacaria:

«Nós apreciamos a acção da eng.ª Maria de Lurdes Pin-

tasilgo. Pensamos que foi uma pessoa que cumpriu as suas funções com dignidade, honestidade e isenção. Teve também um bom contacto com a população portuguesa o que é um bom exemplo, para futuros governantes.»

Numa previsão do trabalho do futuro Governo relativamente ao campo económico, Mário Soares observou que neste momento não existe «aquela situação de bancarrota que se verificou durante a acção de alguns governos socialistas».

«Achamos — continuou — que uma das razões por que os resultados das eleições foram o que foram estão relacionados com a situação de angústia da grande parte do povo português que vive mal, os salários são muito baixos, os géneros estão muito caros e a maior parte das pessoas não têm possibilidade com o que ganha de fazer face às dificuldades do custo de vida.»

«Se o actual Governo tiver condições para fazer uma política de aumento de salários e de controlo dos preços, como se espera, é natural que esse Governo seja compensado dentro de 8 ou 9 meses, por essa política» — afirmou a concluir.

«Manobras de especulação as propaladas nas AD» — afirma o PSD

Finalmente, e porque é o maior grupo parlamentar, es-

teve em Belém o PSD. Leonardo Ribeiro de Almeida afirmou à imprensa que a nomeação de Sá Carneiro vai de encontro ao decidido pelo Conselho Nacional do PSD, «que teve o pleno consenso dos partidos que integram a AD e os Reformadores».

O presidente interino do PSD, que estava acompanhado de Carlos Macedo e de Mário Adegas, não adiantou nomes sobre o futuro Executivo, dizendo apenas que «as negociações estão bastante adiantadas» e que o elenco será revelado pelo futuro primeiro-ministro «em muito curto prazo».

Por outro lado, Ribeiro de Almeida garantiu que «não há, neste momento, por parte da AD, candidato escolhido para a presidência da Assembleia da República».

Segundo a delegação do PSD, o futuro Governo «fará os possíveis para melhorar as condições de vida da população portuguesa», conforme «os propósitos expressos na campanha eleitoral, que não foram propriamente promessas».

Teve ainda oportunidade de se referir à «infelicidade» de Lurdes Pintasilgo, ao «atacar os órgãos de comunicação social», o que, na sua opinião, «é confissão pública da sua parcialidade quando aceitou o encargo de chefiar o Executivo».

Leonardo Ribeiro de Almeida atribui as notícias sobre desinteligências no seio da AD a «manobras de especulação», rejeitando-as completamente.